



Queridas Irmãs!

Sou uma historiadora negra e acadêmica, que aqui me inspiro na carta que Glória Anzaldúa escreveu para as mulheres escritoras do terceiro mundo. Quero destinar essa carta para todas as mulheres negras, inclusive para mim.

Escrevo desde o interior da Paraíba, de uma pequena cidade chamada Dona Inês. Escrevo olhando um entadecer de outono, sentindo a brisa leve da noite que chega. Observo os vários tons que compõe o céu, algo de azul bebê, azul ferrete e um leve dourado do sol que se vai. Também compõe este cenário uma lua minguante e uma solitária estrela. As vezes o que precisamos é dá pausa, pausar e respirar, contemplar a natureza principalmente nos dias mais difíceis, assim que possível faça isso minha irmã.

Bem, quero lhe desejar força e resiliência para enfrentar esse mundo difícil que é perpassado pelo colonialismo do ser, do saber, e do poder europeu como bem alerta Quijano. Sei, que a nossa história nos foi tirada e roubada. Nem o nosso sobrenome sobrou, porque na árvore do esquecimento ficou. Batizaram nossos e as nossas ancestrais com os nomes de “*crístãos-novos*”, que carregamos nos nossos nomes, “*de Oliveira*”, eis o sobrenome que herdei da minha família negra, meus ancestrais pertenciam a esse tal de Oliveira.....

Mas se o colonialismo e o racismo dos invasores europeus nos tiraram nossa história e nos fizeram uma travessia forçada até este território que estamos agora, não faltaram resistências e é bom se lembrar o enredo da escola de samba Mangueira (2019) “*Brasil, o teu nome é Dandara, E a Tua cara é cariri, Não veio do céu, Nem das mãos de Isabel, A liberdade é um dragão no mar de Aracati*”.

As vezes ser historiadora é um fardo e uma realização. Fardo por observar quanto a história inferiorizou a nossa história por uma lente eurocolonialista e a realização por ter

um compromisso de estudar e contar a nossa história e é por isso que eu quis continuar na academia, minha irmã é preciso ocuparmos espaços.

Uma das maiores resistências é um ato de nos aquilombarmos. Destaco aqui a importância da minha participação da extensão “ *MULHERES: Corpos e Memórias construindo resistências*”. Ao longo deste curso acompanhamos mulheres inspiradoras, recordo a deputada Andréia de Jesus, Gina Viera, Aline, Silvani Valentim, Rivane Arantes, prethais e Erika Pereira. Mulheres essas, negras, pretas de diferentes locais e movimentos sociais que demonstram que nós somos capazes de conquistarmos o mundo, obrigada por lembrar disso.

Outra importante questão que perpassou o curso, nas trajetórias de diversas mulheres negras, foi o processo do torna-se. Aqui relembro o que a nossa ancestral epistemológica Lélia Gonzalez disse “ *Não nascemos negros, nos torna-mos negros, é um processo de conquista da própria identidade*”. Bem sei que não é fácil, principalmente por ter passado por essa experiência. Vivenciei o não lugar, por ter a pele clara e ser fruto de um relacionamento inter-racial. Passei 20 anos com o sentimento de não pertencimento, era frustrante... Quando aquilombei para minha pesquisa vi que não era a única que passava por esse sentimento, é mais que necessário pensarmos e refletirmos sobre o colorismo, acreditem irmãs não estamos sós.

A autora, feminista negra, estadunidense Patricia Hill Collins aponta a importância do processo de autoafirmação e autodefinição da identidade negra para assim sairmos dos estereótipos e das imagens de controle instituídas pela supremacia branca. Assim irmãs, ao deixarmos nossa identidade florir, construirmos resistências e somos nós mesmas e não padrões construídos para nos inferiorizarmos, “ *moreninha não, negra*”.

Por fim, ressalto que por mais que essa sociedade racista nos encaminhe para a solidão, o aquilombamento com outras mulheres negras e não negras nos proporciona a comunhão de uma união não dá sororidade que não alcança todas as mulheres, mas da dororidade da Vilma Piedade. Ressalto o trecho da música Povoada, no qual conheci durante este curso “ *Povoada, quem falou que eu ando só? Nessa terra, nesse chão de meu Deus, Sou uma mas não sou só*”.

Com carinho, abraços minhas irmãs.

Fernanda Oliveira

28/05/2023.